

O buraco negro da informação

SEVERINO FRANCISCO
Editoria de Cultura

"Que viva la muerte! Morra la inteligencia!". O famoso slogan do generalíssimo Francisco Franco bem que poderia ser utilizado como o grito de guerra do provincianismo cultural brasileiro — segundo o músico Guilherme Vaz. Mas como uma cidade que é capital do País chegou a um estado de provincianismo e indigência cultural como o atual? Para o artista plástico, Evandro Salles (que participou da equipe de reestruturação da Escola de Arte do Parque Lage, no Rio de Janeiro, comandada pelo crítico Frederico Moraes) em primeiro lugar é preciso situar Brasília no Brasil.

E, neste momento, a cultura brasileira (e mesmo a cena política brasileira) está dominada pela televisão, é o que pensa Evandro: "Toda a informação é trabalhada a partir da idéia de uma manipulação da informação que a televisão gera. Nas artes plásticas temos, por exemplo, no meio da onda pós-moderna, um expressionismo meramente decorativo, quando a essência do expressionismo é ser violento. Isto vale, também, para o cinema que está trabalhando as imagens e a encenação a partir da idéia visual que a televisão gera". E este império da ideologia de manipulação televisiva vem associado ao caos político/econômico, provocando uma desagregação dos valores em todos os sentidos, diz Evandro. "Quando a 'esquerda' assumiu o poder nas instituições se revelou tão ou mais medíocre, mais pequena, no seu ideário cultural ou em sua capacidade cultural quando a direita. Acho muito positivo este desmascaramento do desejo de pessoas, partidos políticos e organizações".

É claro que Brasília tem de ser vista dentro deste contexto e dentro do quadro da falta de qualquer tradição cultural, pois não existem — como em outras cidades — redutos do pensamento, instituições capazes de funcionar como reservas ecológicas da inteligência: "Isto torna mais grave a situação de Brasília e, talvez, a gente possa entender o Brasil muito mais a partir daqui do que a partir de São Paulo. Aqui é uma cidade onde ninguém se envergonha de ser medíocre. O que me abisma é o fato das pessoas estarem satisfeitas com o nível cultural daqui, com o nível de informação,

com o nível de troca cultural, com o nível de questionamento. E, nesta cultura burocrática da bajulação, qualquer crítica é considerada uma ofensa pessoal. O provincianismo aqui já virou um valor cultural em si mesmo", disse Evandro. E onde há provincianismo, quase sempre, há populismo, demagogia, falseamento. "O discurso das instituições é improdutivo. Todas as instituições falam constantemente em arte nas cidades satélites. As próprias associações repetem este discurso improdutivo e até mesmo cretino. Na realidade, não há cultura nas cidades-satélites. As satélites são redutos da miséria e do provincianismo".

AMEAÇA AO BRASIL

O músico Guilherme Vaz prefere abrir ainda mais o ângulo da discussão até chegar a Brasília: "É um problema da raça. Ela vive o drama do centro e a periferia". Guilherme viveu em Brasília quando ela reuniu as cabeças mais brilhantes do País nos anos 60 e era vanguarda do pensamento brasileiro — e vive a Brasília/provinciana dos anos 80. Qual a diferença? "Antes, ser inteligente era uma pré-condição para você transitar por Brasília. Mas, hoje, ser inteligente é motivo para perseguição. Uma sociedade extremamente provinciana tem uma paixão pelo sombrio, pela morte. Temos de desconfiar de que existe no ar um sistema que dirige um combate sistemático da inteligência. 'Vida la muerte! Que morra a inteligência' — é o grito de guerra do provinciano. E, nestas condições, o exercício da inteligência na cidade só pode ser o da solidão. Brasília deixou de ser ponta-de-lança da cultura brasileira para se tornar uma ameaça ao País".

Mais de 20 anos de paixão pelo obscurantismo deixaram marcas profundas na cidade — constata Guilherme Vaz. E, mais do que estimular o bombardeio da informação, ele considera mais importante incentivar um circuito de produção cultural: "É preciso uma terapia de choque. Porque se você joga um provinciano dentro do terremoto, ele chama o corpo de bombeiros, grita palavras de ordem ou clama pelo passado. Este quadro é reversível. Mas sem as pessoas se sentirem abaladas por outras pessoas, sem novos sons, novos filmes, novos discursos, não romperemos este estado

MILA PETRILLO



Milton Cabral: "Enquanto isso, em Brasília entregam a Cidade da Paz para um picareta francês fazer uma salada holística de Freud com Reich".



Evandro Salles: "Na realidade, não há cultura nas cidades-satélites. As cidades-satélites são redutos da miséria e do provincianismo".

de campo de concentração espiritual, em que se transformou Brasília".

E, além de depender umbilicalmente de instituições oficiais, Brasília tem um comércio muito ruim — observa o crítico de cinema, e professor, Rogério Costa Rodrigues: "Uma livraria como a Leonardo da Vinci, (do Rio de Janeiro) tem um público permanente, tem uma base sólida e produz consequências culturais. Mas em Brasília, o comércio não tem nenhum compromisso com o desenvolvimento da cidade". Em Brasília tudo gira em torno do segundo escalão do poder e o seu ideal provinciano e burocrático de se dar bem a todo custo: "O resultado está aí. É uma cidade que cultiva o consumo mais vulgar. É isto que faz com que a cidade se transforme em uma ilha da breguice e da desinformação. As produções culturais de Brasília, com as raras exceções de sempre, revelam uma ignorância profunda. Brasília é, geralmente, tratada fora daqui como uma provinciazinha qualquer. E, a meu ver, com toda a razão".

O psicanalista e professor do Depar-

tamento de Desenho, da Universidade de Brasília, Milton Cabral Vianna, reconhece as limitações da cidade, mas não concorda com os termos em que é colocada a questão da pobreza cultural de BSB. Ele diz que, apesar de tudo, por exemplo, a própria UnB tem feito um esforço no sentido da transformação, através da promoção de um Festival Latino Americano Arte e Cultura (Flaac) ou da contratação de pessoas como o diretor/coreógrafo, Hugo Rodas, para desenvolver um trabalho cotidiano como artista convidado: "Este festival poderá representar o que a Bienal de Veneza representa para a Europa". Não adianta ter uma atitude de viúva do Rio de Janeiro ou São Paulo. Brasília é interior mesmo e produz como interior. Em uma cidade como esta não classificamos os produtos culturais como os hotéis da Embratur: de duas a cinco estrelas".

O que existe, segundo Milton Cabral, é a inseminação artificial de vírus na cabeça das pessoas: o vírus da despolitização, o vírus da "economia". A grande mídia rouba toda a cena de Brasília para o teatro da economia: "O que está em jogo, na verdade, não é a economia, mas sim o monetarismo, diz Milton Cabral, é a celebração da diarreia. O monetarismo é o permanente esvaziamento da moeda com reflexos na vida cotidiana do cidadão. É apenas o sintoma de algo muito mais complicado que é a dívida externa. É remédio brasileiro para diarreia mata cavalo no Japão. Enquanto isto, em Brasília, entregam a Cidade da Paz para um picareta francês fazer uma salada holística de Freud com Reich. "Não somos doutores. Somos todos jagunços, negros, peões. Bom mesmo é o nosso caipira dançando xaxado. Não é xenofobismo. Há uma raiz mítica nisto".